

FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE – FPS

CURSO DE PSICOLOGIA

AUTORES

MARIA DE LOURDES LIRA TEIXEIRA

PEDRO LINDOMAICO SILVA DE OLIVEIRA

ORIENTADORES

MÔNICA CRISTINA BATISTA MELO

MARIA CECÍLIA MENDONÇA MELO

COMPORTAMENTO VIOLENTO NA ADOLESCÊNCIA:

Um estudo qualitativo

RECIFE

2015

PESQUISADORES

Pedro Lindomaico Silva de Oliveira

Estudante do 7º período do Curso de Psicologia da FPS

E-mail: pedrolindomaico@hotmail.com

Tel (81) 84315237

Maria de Lourdes Lira Teixeira

Estudante do 7º período do Curso de Psicologia da FPS

E-mail: lourdinhaft@gmail.com

Tel (81) 87000165

Mônica Cristina Batista de Melo

Tutora no curso de graduação em Psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde –
FPS;

Psicóloga no IMIP

E-mail: monicademelo@ig.com.br

Tel (81) 88968974

Maria Cecília Mendonça Melo

Tutora do laboratório de Recursos Digitais da Faculdade Pernambucana de Saúde - FPS
Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica pela UFPE

E-mail: ceciliamendoncamelo@gmail.com

Tel (81) 87484551

Local do estudo

O estudo será realizado na Casa de Frei Francisco (Organização não Governamental –
ONG).

Ficha Catalográfica
Preparada pela Faculdade Pernambucana de Saúde

T355c Teixeira, Maria de Lourdes

Comportamento violento na adolescência: um estudo qualitativo. /
Maria de Lourdes Teixeira; Pedro Lindomaico Silva de Oliveira;
Orientadora Mônica Cristina Batista de Melo; Orientadora Maria
Cecília Mendonça Melo. – Recife: Do Autor, 2015.
51 f.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Pernambucana de
Saúde, 2015.

1. Adolescência. 2. Violência. 3. Comportamento antissocial. I.
Melo, Mônica Cristina Batista de Orientadora II. Título.

CDU 159.922

RESUMO

Ao estudarmos sobre a etiologia dos fatores que podem influenciar nos comportamentos antissocial e delinquente na adolescência, a literatura aponta para uma multiplicidade de fatores. Dentre esses fatores, existem fatores de risco e fatores de proteção, os quais podem influenciar negativa ou positivamente o adolescente no desenvolvimento de tais comportamentos. Sabendo-se que o adolescente violento para a sociedade, muitas vezes é violentado por ela, o presente estudo tem como objetivo: compreender como se dá o comportamento antissocial e delinquente na adolescência na perspectiva do próprio adolescente. Será utilizada no método do estudo uma abordagem qualitativa, para a coleta de dados será utilizada uma entrevista com um roteiro de perguntas que serão transcritas e analisadas. Acredita-se que o resultado do estudo poderá ajudar na criação de estratégias de prevenção do comportamento violento na adolescência.

Palavras-chave: Adolescência, violência, comportamento antissocial, delinquência juvenil.

ABSTRACT

From a study of the etiology of the factors that may influence antisocial and delinquent behavior in adolescence, the literature points to a multiplicity of factors. Among these factors, there are risk factors and protective factors, which can influence negatively or positively the teenager in the development of such behaviors. Knowing that violent teen to society, it is often abused by it, this study aims to: understand how is antisocial and delinquent behavior in adolescence from the perspective of adolescents themselves. A qualitative approach will be used in the study method will be used for data collection interview an interview guide will be transcribed and analyzed. It is believed that the results of the study may help in creating strategies to prevent violent behavior in adolescence.

Keywords: Adolescence, violence, antisocial behavior, juvenile delinquency.

SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO	07
II.	JUSTIFICATIVA	12
III.	PERGUNTA NORTEADORA	13
IV.	OBJETIVOS	14
V.	MÉTODO	15
	5.1. Desenho do estudo	15
	5.2. Local do estudo	15
	5.3. Período do estudo	15
	5.4. População do estudo	15
	5.5. Amostra	16
	5.6. Critérios de inclusão	16
	5.7. Critérios de exclusão	16
	5.8. Fluxograma da coleta de dados	16
	5.9. Critérios para descontinuação do estudo	17
	5.10. Coleta de dados	17
	5.11. Processamento e análise dos dados	17
	5.12. Aspectos éticos	17
VI.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
VII.	ORÇAMENTO	37
VIII.	CRONOGRAMA	38
IX.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
	APÊNDICE 1	42
	APÊNDICE 2	45
	APÊNDICE 3	48
	APÊNDICE 4	49
	ANEXO	50

I. INTRODUÇÃO

A adolescência vem antes ou depois da puberdade? Essa é uma pergunta que causa divergências entre alguns autores. Uns dizem que a adolescência surge depois de um ou dois anos da puberdade, pois essa estimativa de tempo seria suficiente para que as mudanças fisiológicas se transformassem num tipo de identidade adolescente estável. Outros em contrário, afirmam que a adolescência surge antes da puberdade, tendo como justificativa a entrada precoce da criança na adolescência por meio da adoção de comportamentos e estilos de vida de adolescentes mais velhos. Apesar de haver essas divergências, podemos chegar a um consenso – independentemente de um ano a mais ou um ano a menos, a puberdade é o que permite calcular o começo da adolescência.¹

A adolescência também pode ser compreendida como o período da vida que se estende entre a puberdade e o desenvolvimento completo do corpo. Esse período possui variação de faixa etária entre os adolescentes e as adolescentes. Em termos gerais, nas adolescentes esse período começa mais cedo, se estendendo dos 12 aos 21 anos, e nos adolescentes dos 14 aos 25 anos.²

O Estatuto da Criança e do Adolescente considera a adolescência como o período que varia dos 12 aos 18 anos de idade.³ A característica marcante da adolescência é a de sua entrada no mundo do adulto. Essa entrada supõe uma obrigação e não uma opção. Primeiro entra no mundo do adulto por meio das mudanças corporais, sobre cujas mudanças não possuem controle, e depois por meio de suas capacidades e de seus afetos, pois serão requeridas novas responsabilidades do adolescente.²

Mas quando os afetos ficam sufocados, e surgem comportamentos antissociais e delinquentes nessa fase da vida? Quais são as características desses comportamentos? Por que os adolescentes acabam transgredindo as leis e tomando atitudes não aceitas pela sociedade? Quais fatores são causadores desses comportamentos? E quais os fatores de proteção?

Segundo o Manual Diagnóstico Estatístico dos Transtornos Mentais – DSM-IV da American Psychiatric Association, o termo antissocial faz referência às características de alguns tipos de transtornos mentais, como por exemplo, o Transtorno de Conduta e o Transtorno de Personalidade Antissocial. Esse conceito também pode

ser utilizado para descrever comportamentos prejudiciais ao funcionamento social do indivíduo, não havendo necessariamente um diagnóstico de algum transtorno específico.⁴ Segundo Patterson, citado por Pacheco e cols, o comportamento antissocial possui como características ações de agressividade, desobediência, oposicionismo, temperamento exaltado, baixo controle de impulsos, roubos, fugas, entre outros.⁴ Podemos perceber que nem sempre o comportamento antissocial indica um ato infrator das leis, porém esse comportamento pode se tornar em um comportamento delinquente.

Mas o que é o adolescente delinquente? A partir de uma perspectiva psicanalítica podemos compreender que a delinquência propriamente dita e organizada pode vir a ser uma resposta à moratória imposta pela sociedade.¹ Por outro lado, ainda é possível compreender o comportamento delinquente de adolescentes como um meio de reconhecimento pelos adultos. Há uma influência do inconsciente nos atos delinquentes cometidos pelos adolescentes. E partindo da perspectiva acima exposta, as transgressões cometidas pelos adolescentes se devem a uma interpretação errada e inconsciente, que estes fazem dos adultos. Tais adolescentes acreditam que seus atos transgressores seriam uma encenação de desejos recalcados dos adultos, e que estes atos seriam agradáveis, porém quanto mais os adolescentes se utilizam de comportamentos delinquentes, mais erram na sua interpretação e mais são reprimidos pelos adultos. Já em relação ao reconhecimento, há uma parceria entre adolescência e delinquência devido a um não reconhecimento do adolescente dentro do pacto social, passando então este mesmo adolescente a buscar reconhecimento “fora” ou até mesmo “contra” o pacto social que não o reconhece, associando-se a grupos alternativos onde possam ser reconhecidos.¹

Na psicologia a expressão “delinquente juvenil” é utilizada para descrever “uma pessoa jovem que foi condenada por um crime de ofensa”⁵ (p. 60). Enquanto que numa perspectiva psico-sócio-jurídica o termo “delinquência” tem o significado de “comportamento caracterizado por repetidas ofensas (delitos)”⁶ (p. 67).

O comportamento delinquente pode ser considerado como uma progressão do comportamento antissocial, tais como o de agressividade e o de violência. Segundo Coie e Dodge citado por Shaffer, a agressividade pode ser entendida como um comportamento direcionado para machucar e causar danos a outra pessoa. O que caracteriza e define um ato agressivo é a “intenção” do agressor, e não as consequências

desse ato, pois nem sempre as consequências são efetivadas, como por exemplo, quando uma pessoa atira uma pedra na intenção de machucar outra pessoa e acaba errando.⁷

Os atos agressivos podem ser divididos em duas categorias: agressividade hostil e agressividade instrumental. Para que a agressividade possa ser classificada como hostil, o indivíduo agressor deve ter como principal objetivo “o fazer mal ao outro”. Já para que a agressividade possa ser classificada como instrumental, o indivíduo agressor deve causar dano ou machucar uma pessoa visando alcançar determinado fim.⁷

Há também a agressividade relacional, que é caracterizada pela exclusão, consentimento do afastamento, como também divulgação de rumores que tenham como objetivos prejudicar a autoestima, a amizade ou status social de alguém considerado adversário. Este tipo de agressividade é mais sutil e maliciosa em meninas adolescentes.⁷

Mesmo que não se observe nos adolescentes atos agressivos externos, como por exemplo, bater e brigar, outras formas de conduta antissocial podem ser percebidas. Segundo Loeber e Stouthamer-Loeber, e o U.S. Department of Justice citado por Shaffer, nos meninos adolescentes a raiva e a frustração podem ser expressas indiretamente, através de “roubos, abuso de substâncias, má conduta sexual e vadiagem”⁷ (p. 492).

Em relação à violência, do ponto de vista jurídico esta é considerada como uma forma de constranger alguém, e tem como objetivo vencer e obrigar o outro a se submeter.⁸ Do ponto de vista da filosofia da cultura ocidental, a violência é percebida como,

o exercício da força física e da coação psíquica para obrigar a pessoa a fazer alguma coisa contra si, contra os seus interesses e desejos, contra o próprio corpo e a consciência, causando danos profundos e irreparáveis como a morte, a loucura, a autoagressão ou a agressão aos outros⁸ (p. 409).

O termo “violência” tem sua origem etimológica no latim “*vis*” que significa “força”. O termo *vis* ainda dá origem a outros vocábulos, tais como, vigor, vida e vitalidade.⁹ Mas, na prática, no cotidiano, este termo se apresenta de forma negativa e destrutiva. Existem vários fatores que influenciam e determinam que uma determinada força psíquica seja utilizada pelo self do sujeito de forma construtiva ou destrutiva. E em se pensando na adolescência, as causas mais comuns da violência são: heredo-constitucionais (predisposição genética); biopsicossociais e a inter-relação entre o

estado de desamparo e a conseqüente reação de violência. Levisky⁹ coloca o estado de desamparo como a angústia mais terrível que o ser humano pode vir a sofrer. Ainda segundo este autor, a violência que se manifesta na adolescência é decorrente da desestruturação do psiquismo iniciada no desenvolvimento emocional primitivo da criança. Essa desestruturação é desencadeada por falhas de maternagem, por abandonos prematuros que a criança sofre por parte do pai ou por excesso de estímulos de toda ordem (amorosos, sexuais, agressivos e narcisistas) que o ego da criança não consegue processar. Diante da presente situação, os excessivos estímulos se convertem em fontes de angústia e produção de conflitos, culminando em atos de violência.⁹

Então na tentativa de compreendermos a etiologia de comportamentos antissociais e delinquentes na adolescência, além da influência do inconsciente, nos deparamos com uma variedade de fatores de risco e de proteção para tais comportamentos. Segundo Gallo e Williams entre os fatores de risco estão dificuldades de aprendizagem e baixa escolaridade, a violência na família, a violência no meio social, como também o consumo de drogas e a pobreza.¹⁰ A escola se constitui como fator de proteção¹⁰. Segundo os autores Wills e cols citados por Siqueira também podem ser considerados como fatores de proteção os apoios emocional, instrumental, informacional.¹¹ Apesar de haver a influência desses fatores de risco e de proteção, podemos considerar ainda a personalidade do adolescente. A palavra personalidade diz corresponde a padrões de comportamento, atitudes e emoções de um sujeito¹². Não se pode negar a existência de duas forças que atuam na definição da personalidade da criança e do adolescente – a genética (inata) e a ambiental (adquirida), uma não elimina a outra. Por exemplo, existem genes que predisõem pessoas a serem agradáveis e afetivas, todavia também existem correlações comportamentais que podem determinar traços de personalidade (bebês que possuem vínculos seguros com suas mães têm mais probabilidade de ter relacionamentos sociais bem-sucedidos futuramente).¹² O presente estudo não tem como presunção ignorar a força genética, porém seu enfoque se dará mais nos fatores ambientais, contextos vivenciados pelos adolescentes.

Segundo Shaffer⁷, uma pesquisa realizada em uma de suas aulas de laboratório sobre práticas de criação de filhos apontaram que 74% dos pais esperavam que seus filhos adquirissem um forte senso moral, do que é certo e do que é errado, para que orientem seus relacionamentos com outras pessoas. E quando interrogados sobre quais

princípios iriam aplicar na criação de seus filhos deram várias respostas relacionadas a três categorias, a saber: evitar machucar os outros; preocupação pró-social e a do compromisso pessoal de seguir as regras. Compreendemos que essa pesquisa revela a preocupação dos pais quanto ao desenvolvimento social infantil, e apresenta alguns princípios que ajudariam os pais na prevenção de comportamentos antissociais de seus filhos. Apesar de ser um desafio para os pais trabalharem esse tipo de prevenção, a psicologia também pode contribuir nesse sentido. No presente estudo buscar-se-á compreender o comportamento antissocial na perspectiva ética da compreensão humana, base do pensamento complexo desenvolvido por Edgar Morin¹³ onde, mesmo que não haja justificativa satisfatória, por exemplo, para um ato infracional, compreender a prática de tal ato se faz necessário para não perder de vista a ideia de que o adolescente que é violência para a sociedade, é ao mesmo tempo violentado pela mesma. Diante do acima exposto, o presente estudo tem como objetivo compreender como se dá o início do comportamento antissocial e delinquente na adolescência na perspectiva do adolescente.

II. JUSTIFICATIVA

Compreender como se dá o início do comportamento antissocial e delinvente dos adolescentes, irá contribuir na prevenção desses comportamentos na adolescência tão presente na atualidade.

Conhecer a etiologia de tais comportamentos, na perspectiva dos adolescentes irá contribuir para que se possa traçar estratégias de prevenção e tentar diminuir a ocorrência desses comportamentos na adolescência.

III. PERGUNTA NORTEADORA

Como os adolescentes compreendem o que é comportamento antissocial e delinquente?

IV. OBJETIVOS

GERAL

- Compreender como se dá o início do comportamento antissocial e delinquente na adolescência na perspectiva do adolescente.

ESPECÍFICOS

- Descrever os aspectos sociodemográficos dos adolescentes;
- Conhecer na perspectiva dos adolescentes o que eles pensam sobre comportamento antissocial e delinquente;
- Conhecer na perspectiva dos adolescentes como se inicia os comportamentos antissocial e delinquente;
- Discutir os achados relacionados às entrevistas que serão realizadas.

V. MÉTODO

5.1. Desenho do estudo

Trata-se de um estudo do tipo qualitativo. A escolha por essa abordagem se justifica porque as pesquisas qualitativas se caracterizam por apresentarem uma abordagem mais compreensiva e interpretativa. Uma pesquisa qualitativa supõe que as ações dos sujeitos sejam determinadas de acordo com suas crenças e suas percepções, também seus sentimentos e seus valores, sendo atribuído ao comportamento um significado próprio, ao qual não se teria acesso num primeiro momento.

5.2. Local do estudo

O estudo foi realizado na Casa de Frei Francisco (Organização não Governamental – ONG). A Casa de Frei Francisco foi construída por meio de doações de Dom Helder Câmara, com o objetivo de desenvolver nesta casa atividades sociais destinadas aos mais carentes da comunidade dos Coelhos e das que lhes são vizinhas (Coque e Joana Bezerra). Hoje são desenvolvidas atividades psicossociais e educativas interdisciplinares destinadas às crianças e adolescentes mais carentes destas comunidades. Esta instituição possui uma equipe multidisciplinar composta por uma Coordenadora, uma Psicóloga, uma Coordenadora Pedagógica, uma Gerente, duas Monitoras de Leitura/Raciocínio Lógico, uma Monitora de Leitura/Temas Sociais, um Monitor de Informática, um Monitor de Inglês/Arte e Educação, uma Monitora de Recreação, um Auxiliar de Serviços Gerais e uma Merendeira. Esta instituição atende 120 crianças e adolescentes com idades de 7 a 16 anos que estão em situação de risco social. Seu funcionamento se dá nos turnos da manhã e da tarde.

5.3. Período do estudo

O estudo será realizado no período que compreende o mês de Dezembro de 2014 a Setembro de 2015.

5.4. População do estudo

Adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 13 e 16 anos, residentes das comunidades dos Coelhos, Coque e Joana Bezerra, atendidos pela Casa de Frei Francisco (ONG).

5.5. Amostra

A amostra foi constituída utilizando o método de saturação. O número amostral foi determinado por saturação teórica. A saturação ocorre quando na avaliação do pesquisador é constatada a necessidade de suspender a inclusão de novos participantes na pesquisa devido a ocorrência, no conteúdo das entrevistas, de redundância ou repetição dos dados obtidos, pois nesse caso, a persistência na coleta de dados seria irrelevante (Denzin, Lincoln, editors, 1994 apud Fontanella, Ricas, Turato¹⁴, 2008).

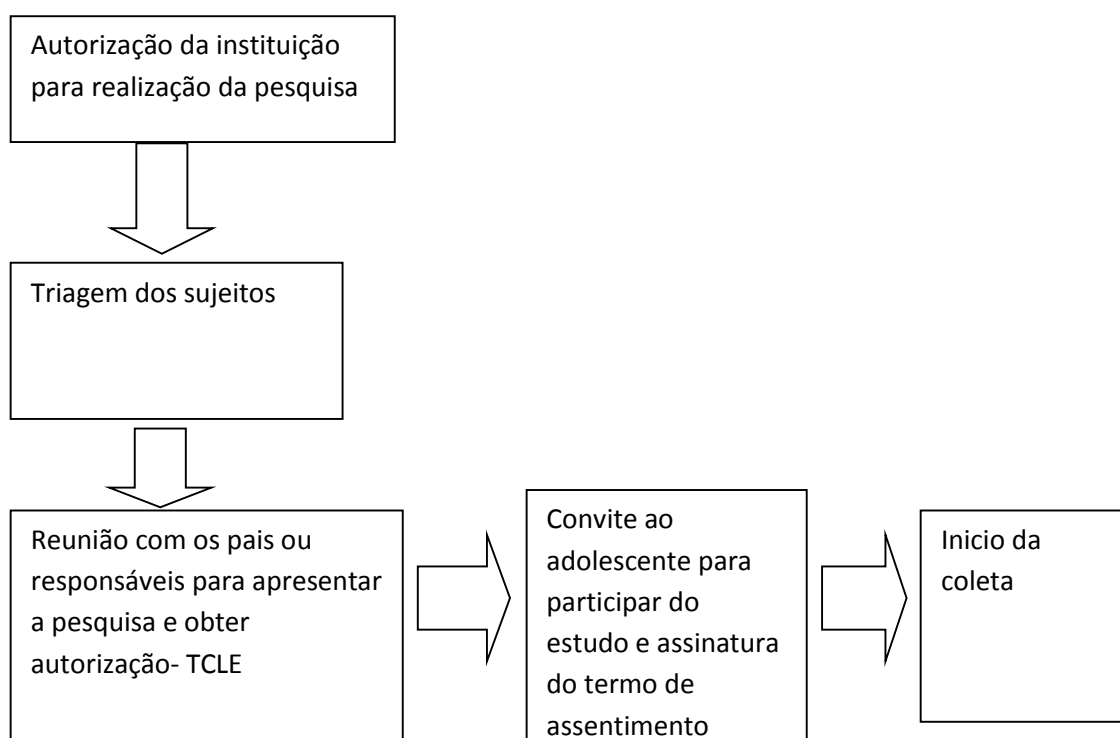
5.6. Critérios de inclusão

O critério de inclusão para o grupo será que o adolescente esteja na época da coleta de dados em condições de participar da pesquisa, sendo autorizados pela instituição e por seus pais.

5.7. Critérios de exclusão

Não serão incluídos no estudo os adolescentes que na época da coleta não estiverem autorizados pela instituição por algum motivo, e os adolescentes que não forem autorizados por seus pais.

5.8. Fluxograma da coleta de dados



5.9. Critérios para descontinuação do estudo

Existe possibilidade de suspensão ou cancelamento da pesquisa no local de estudo se não existir renovação do contrato anual da Casa Frei Francisco junto às empresas patrocinadoras.

5.10. Coleta de dados

Foi utilizado um questionário com perguntas sobre aspectos sociodemográficos, e uma entrevista com perguntas norteadoras.

Sobre entrevistas Gil ressalta a adequação das mesmas para a coleta de informações em pesquisas sociais e aponta algumas vantagens desse instrumento: obtenção de dados abrangendo diferentes ângulos da vida social; um maior aprofundamento dos dados referentes ao comportamento humano e a possibilidade de classificar e quantificar os dados alcançados.¹⁵

O registro dos dados obtidos através da entrevista foi realizado com a utilização de um gravador, as falas foram transcritas em sua totalidade visando garantir maior fidedignidade aos relatos.

5.11. Processamento e análise dos dados

Para a análise dos dados obtidos através das entrevistas foi utilizada a análise de conteúdo. Segundo Minayo¹⁶, este instrumento é frequentemente utilizado em pesquisas qualitativas, contemplando um aprofundamento nas informações colhidas e ultrapassando as primeiras impressões. Como técnica de análise de conteúdo, foi escolhida a análise temática, respeitando-se as suas três etapas: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados obtidos.

5.12. Aspectos éticos

Os adolescentes serão abordados e receberão explicação acerca dos objetivos do estudo e sobre a importância do mesmo e serão convidados para participação da pesquisa. Caso aceitem participar, será solicitada a autorização dos pais ou responsáveis por estes adolescentes para que os mesmos possam participar da presente pesquisa, sendo fornecidos aos mesmos os devidos esclarecimentos. Na sequência,

será solicitada a assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de acordo com a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que contempla as Diretrizes e Normas Regulamentares de Pesquisa envolvendo seres humanos. No referido termo constarão informações sobre os objetivos da pesquisa e sua importância, a metodologia a ser utilizada bem como esclarecimentos quanto à liberdade de escolha em participar ou não do estudo, a possibilidade de desistência em qualquer momento do desenvolvimento do trabalho e a garantia de sigilo quanto aos dados de identificação.

VI. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atendendo as exigências do Curso de Psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS, este item será apresentado no formato de artigo.

COMPORTAMENTO VIOLENTO NA ADOLESCÊNCIA: Um estudo qualitativo

MARIA DE LOURDES LIRA TEIXEIRA¹

PEDRO LINDOMAICO SILVA DE OLIVEIRA¹

MÔNICA CRISTINA BATISTA DE MELO²

MARIA CECILIA MENDONÇA MELO³

¹ Estudante do Curso de Psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS

² Profa. Dra. e Tutora do Curso de Psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS

³ Doutoranda em Educação pela Universidade da Beira Interior em Portugal e Tutora do Laboratório de Recursos Digitais da Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS

RESUMO

Introdução: A violência na adolescência há muito se tornou um problema de saúde pública. O comportamento desafiador, antissocial e delinquente pode ser entendido sob varias perspectivas psicológicas e saber sobre o que o adolescente pensa sobre o tema é de suma importância, inclusive para que ele possa ter uma atitude preventiva. Objetivos: compreender como se dá o comportamento antissocial e delinquente na adolescência na perspectiva do próprio adolescente. Métodos: trata-se de um estudo qualitativo, realizado no período de dezembro de 2014 a agosto de 2015, foram entrevistados adolescentes com idades de 13 a 16 anos de ambos os sexos, as falas foram transcritas e analisadas segundo os critérios da análise do conteúdo proposto por Minayo. Resultados: foi identificada na análise do discurso dos adolescentes a presença

dos fatores de risco como baixa escolaridade e pobreza, e de proteção para os comportamentos antissocial e delinquente como a escola, a religiosidade e espiritualidade. Também foi identificado que os adolescentes entrevistados tiveram dificuldades em conceituar e diferenciar os comportamentos antissocial e delinquente, apresentando maior dificuldade em relação ao comportamento antissocial. Essa dificuldade se tornou evidente nas repetições de atitudes atribuídas pelos adolescentes a tais comportamentos, porém os adolescentes apresentaram uma noção de que o comportamento delinquente é uma progressão do comportamento antissocial, e até mais grave que este. Conclusões: o estudo demonstrou que os adolescentes possuem um raciocínio moral ligado às questões de valores, ética, cidadania e comportamento, o que reforça ainda mais a importância da família, instituições escolares e ONGs que atendem a crianças e adolescentes, na transmissão desses valores, o que se torna um fator de proteção para os comportamentos antissocial e delinquente na adolescência, prevenindo ou diminuindo esses comportamentos. A qualidade das relações dos adolescentes com os pais e amigos pode influenciar no ajustamento emocional e social como também em tais comportamentos nos adolescentes.

Palavras-chave: Adolescência, violência, comportamento antissocial, delinquência.

ABSTRACT

Introduction: Violence in adolescence long ago became a public health problem. The defiant, antisocial and delinquent behavior can be understood in several psychological perspectives and learn about what the teen thinks on the subject is of paramount importance, even so he can have a preventive attitude. Objectives: To understand how is antisocial and delinquent behavior in adolescence in adolescent own perspective. Methods: This is a qualitative study, conducted from December 2014 to August 2015, were interviewed adolescents aged 13-16 years of both sexes, the testimonies were transcribed and analyzed according to content analysis criteria proposed by Minayo. Results: it was identified in the analysis of the speech of teenagers the presence of risk factors such as low education and poverty, and protection for antisocial and delinquent behaviors such as school, religion and spirituality. It was also identified that the

adolescents interviewed had difficulty conceptualizing and differentiate antisocial and delinquent behavior, showing greater difficulty in relation to antisocial behavior. This difficulty became evident in the repetitions of attitudes attributed by adolescents to such behavior, but the teenagers had a notion that delinquent behavior is a progression of antisocial behavior, and even more serious than this. Conclusions: The study showed that teenagers have a moral reasoning linked to questions of values, ethics, citizenship and behavior, which further reinforces the importance of family, educational institutions and NGOs that cater to children and adolescents in the transmission of these values, which becomes a protective factor for antisocial and delinquent behavior in adolescence, preventing or reducing these behaviors. The quality of the relationships of adolescents with parents and friends can influence the emotional and social adjustment as well as in such behaviors in adolescents.

Keywords: Adolescence, violence, antisocial behavior, delinquency.

INTRODUÇÃO

A adolescência vem antes ou depois da puberdade? Essa é uma pergunta que causa divergências entre alguns autores. Uns dizem que a adolescência surge depois de um ou dois anos da puberdade, pois essa estimativa de tempo seria suficiente para que as mudanças fisiológicas se transformassem num tipo de identidade adolescente estável. Outros em contrário, afirmam que a adolescência surge antes da puberdade, tendo como justificativa a entrada precoce da criança na adolescência por meio da adoção de comportamentos e estilos de vida de adolescentes mais velhos. Apesar de haver essas divergências, podemos chegar a um consenso – independentemente de um ano a mais ou um ano a menos, a puberdade é o que permite calcular o começo da adolescência, Calligaris, (2009).

A adolescência também pode ser compreendida como o período da vida que se estende entre a puberdade e o desenvolvimento completo do corpo. Esse período possui variação de faixa etária entre os adolescentes e as adolescentes. Em termos gerais, nas adolescentes esse período começa mais cedo, se estendendo dos 12 aos 21 anos, e nos adolescentes dos 14 aos 25 anos, Aberastury e Knobel (1981).

O Estatuto da Criança e do Adolescente considera a adolescência como o período que varia dos 12 aos 18 anos de idade, Lei 8.069 de 13 julho de 1990 (1990). A característica marcante da adolescência é a de sua entrada no mundo do adulto. Essa entrada supõe uma obrigação e não uma opção. Primeiro entra no mundo do adulto por meio das mudanças corporais, sobre cujas mudanças não possuem controle, e depois por meio de suas capacidades e de seus afetos, pois serão requeridas novas responsabilidades do adolescente, Aberastury e Knobel (1981).

Mas quando os afetos ficam sufocados, e surgem comportamentos antissociais e delinquentes nessa fase da vida? Quais são as características desses comportamentos? Por que os adolescentes acabam transgredindo as leis e tomando atitudes não aceitas pela sociedade? Quais fatores são causadores desses comportamentos? E quais os fatores de proteção?

No DSM-V o termo antissocial faz referência ao Transtorno de Personalidade Antissocial que tem como característica essencial um padrão difuso de indiferença e violação dos direitos dos outros. Este padrão pode surgir na infância ou início da adolescência e continuar na vida adulta, e pode se apresentar por meio de fracasso em se ajustar às normas sociais relativas a comportamentos legais, repetições de atos que podem levar à detenção, tendência à falsidade, mentiras repetidas, uso de nomes falsos ou de trapaça, impulsividade ou fracasso no planejamento para o futuro etc, Cordioli (2014). Segundo o Manual Diagnóstico Estatístico dos Transtornos Mentais – DSM-IV da American Psychiatric Association, o termo antissocial faz referência às características de alguns tipos de transtornos mentais, como por exemplo, o Transtorno de Conduta e o Transtorno de Personalidade Antissocial. Esse conceito também pode ser utilizado para descrever comportamentos prejudiciais ao funcionamento social do indivíduo, não havendo necessariamente um diagnóstico de algum transtorno específico, Pacheco, Alvarenga, Reppold, Piccinini e Hutz (2005). Segundo Patterson, citado por Pacheco et al. (2005), o comportamento antissocial possui como características ações de agressividade, desobediência, oposicionismo, temperamento exaltado, baixo controle de impulsos, roubos, fugas, entre outros, Pacheco et al. (2005). Podemos perceber que nem sempre o comportamento antissocial indica um ato infrator das leis, porém esse comportamento pode se tornar em um comportamento delincente.

Mas o que é o adolescente delinquente? A partir de uma perspectiva psicanalítica podemos compreender que a delinquência propriamente dita e organizada pode vir a ser uma resposta à moratória imposta pela sociedade ao estabelecer regras e padrões de comportamentos considerados como corretos, Calligaris (2009). Por outro lado, ainda é possível compreender o comportamento delinquente de adolescentes como um meio de reconhecimento pelos adultos, pois tal comportamento pode ser reforçado pela falta de compreensão dos adultos sobre a adolescência e pela falta de conhecimento dos fatores de risco para o comportamento delinquente. Há uma influência do inconsciente nos atos delinquentes cometidos pelos adolescentes. E partindo da perspectiva acima exposta, as transgressões cometidas pelos adolescentes se devem a uma interpretação errada e inconsciente, que estes fazem dos adultos. Tais adolescentes acreditam que seus atos transgressores seriam uma encenação de desejos recalcados dos adultos, e que estes atos seriam agradáveis, porém quanto mais os adolescentes se utilizam de comportamentos delinquentes, mais erram na sua interpretação e mais são reprimidos pelos adultos. Já em relação ao reconhecimento, há uma parceria entre adolescência e delinquência devido a um não reconhecimento do adolescente dentro do pacto social, passando então este mesmo adolescente a buscar reconhecimento “fora” ou até mesmo “contra” o pacto social que não o reconhece, associando-se a grupos alternativos onde possam ser reconhecidos, Calligaris (2009).

Na psicologia a expressão “delinquente juvenil” é utilizada para descrever “uma pessoa jovem que foi condenada por um crime de ofensa”, Stratton e Hayes (2003, p. 60). Enquanto que numa perspectiva psico-sócio-jurídica o termo “delinquência” tem o significado de “comportamento caracterizado por repetidas ofensas (delitos)”, Assis (2012, p. 67).

O comportamento delinquente pode ser considerado como uma progressão do comportamento antissocial, tais como o de agressividade e o de violência. Segundo Coie e Dodge citado por Shaffer, a agressividade pode ser entendida como um comportamento direcionado para machucar e causar danos a outra pessoa. O que caracteriza e define um ato agressivo é a “intenção” do agressor, e não as consequências desse ato, pois nem sempre as consequências são efetivadas, como por exemplo, quando uma pessoa atira uma pedra na intenção de machucar outra pessoa e acaba errando, Shaffer (2009).

Os atos agressivos podem ser divididos em duas categorias: agressividade hostil e agressividade instrumental. Para que a agressividade possa ser classificada como hostil, o indivíduo agressor deve ter como principal objetivo “o fazer mal ao outro”. Já para que a agressividade possa ser classificada como instrumental, o indivíduo agressor deve causar dano ou machucar uma pessoa visando alcançar determinado fim, Shaffer (2009).

Há também a agressividade relacional, que é caracterizada pela exclusão, consentimento do afastamento, como também divulgação de rumores que tenham como objetivos prejudicar a autoestima, a amizade ou status social de alguém considerado adversário. Este tipo de agressividade é mais sutil e sagaz em meninas adolescentes, Shaffer (2009).

Mesmo que não se observe nos adolescentes atos agressivos externos, como por exemplo, bater e brigar, outras formas de conduta antissocial podem ser percebidas. Segundo Loeber e Stouthamer-Loeber, e o U.S. Department of Justice citado por Shaffer, nos meninos adolescentes a raiva e a frustração podem ser expressas indiretamente, através de “roubos, abuso de substâncias, má conduta sexual e vadiagem”, Shaffer (2009, p. 492).

Em relação à violência, do ponto de vista jurídico esta é considerada como uma forma de constranger alguém, e tem como objetivo vencer e obrigar o outro a se submeter, Costa e Souza (2002). Do ponto de vista da filosofia da cultura ocidental, a violência é percebida como,

O exercício da força física e da coação psíquica para obrigar a pessoa a fazer alguma coisa contra si, contra os seus interesses e desejos, contra o próprio corpo e a consciência, causando danos profundos e irreparáveis como a morte, a loucura, a autoagressão ou a agressão aos outros, Costa e Souza (2002, p. 409).

O termo “violência” tem sua origem etimológica no latim “*vis*” que significa “*força*”. O termo *vis* ainda dá origem a outros vocábulos, tais como, vigor, vida e vitalidade, Levisky (2001). Mas, na prática, no cotidiano, este termo se apresenta de forma negativa e destrutiva. Existem vários fatores que influenciam e determinam que uma determinada força psíquica seja utilizada pelo self do sujeito de forma construtiva ou destrutiva. E em se pensando na adolescência, as causas mais comuns da violência são: heredo-constitucionais (predisposição genética); biopsicossociais e a inter-relação entre o estado de desamparo e a conseqüente reação de violência. Levisky (2001) coloca

o estado de desamparo como a angústia mais terrível que o ser humano pode vir a sofrer.

Ainda segundo este autor, a violência que se manifesta na adolescência é decorrente da desestruturação do psiquismo iniciada no desenvolvimento emocional primitivo da criança. Essa desestruturação é desencadeada por falhas de maternagem, por abandonos prematuros que a criança sofre por parte do pai ou por excesso de estímulos de toda ordem (amorosos, sexuais, agressivos e narcisistas) que o ego da criança não consegue processar. Diante da presente situação, os excessivos estímulos se convertem em fontes de angústia e produção de conflitos, culminando em atos de violência, Levisky (2001).

Então, na tentativa de compreendermos a etiologia de comportamentos antissociais e delinquentes na adolescência, além da influência do inconsciente no comportamento delinquente, nos deparamos com uma variedade de fatores de risco e de proteção para tais comportamentos. Segundo Gallo e Williams entre os fatores de risco estão dificuldades de aprendizagem e baixa escolaridade, a violência na família, a violência no meio social, como também o consumo de drogas e a pobreza, Gallo e Williams (2005). A escola se constitui como fator de proteção, Gallo e Williams (2005). A escola por ser uma instituição que possui reconhecimento na sociedade e transmitir valores morais relacionados à ética e a cidadania, se constitui como fator de proteção. Segundo os autores Wills e cols citados por Siqueira também podem ser considerados como fatores de proteção os apoios emocional, instrumental, informacional, Siqueira, Betts e Dell'Aglio (2006). Apesar de haver a influência desses fatores de risco e de proteção, podemos considerar ainda a personalidade do adolescente.

A palavra personalidade diz corresponde a padrões de comportamento, atitudes e emoções de um sujeito, Flores-Mendoza e Colom (2006). Não se pode negar a existência de duas forças que atuam na definição da personalidade da criança e do adolescente – a genética (inata) e a ambiental (adquirida), uma não elimina a outra. Por exemplo, existem genes que predispõem pessoas a serem agradáveis e afetivas, todavia também existem correlações comportamentais que podem determinar traços de personalidade (bebês que possuem vínculos seguros com suas mães têm mais probabilidade de ter relacionamentos sociais bem-sucedidos futuramente), Flores-Mendoza e Colom (2006). O presente estudo não tem como presunção ignorar a força

genética, porém seu enfoque se dará mais nos fatores ambientais, contextos vivenciados pelos adolescentes.

Segundo Shaffer (2009), uma pesquisa realizada em uma de suas aulas de laboratório sobre práticas de criação de filhos apontaram que 74% dos pais esperavam que seus filhos adquirissem um forte senso moral, do que é certo e do que é errado, para que orientem seus relacionamentos com outras pessoas. E quando interrogados sobre quais princípios iriam aplicar na criação de seus filhos deram várias respostas relacionadas a três categorias, a saber: evitar machucar os outros; preocupação pró-social e a do compromisso pessoal de seguir as regras. Compreendemos que essa pesquisa revela a preocupação dos pais quanto ao desenvolvimento social infantil, e apresenta alguns princípios que ajudariam os pais na prevenção de comportamentos antissociais de seus filhos.

Apesar de ser um desafio para os pais trabalharem esse tipo de prevenção, a psicologia também pode contribuir nesse sentido. No presente estudo buscar-se-á compreender o comportamento antissocial na perspectiva ética da compreensão humana, base do pensamento complexo desenvolvido por Edgar Morin (2006) onde, mesmo que não haja justificativa satisfatória, por exemplo, para um ato infracional, compreender a prática de tal ato se faz necessário para não perder de vista a ideia de que o adolescente que é violência para a sociedade, é ao mesmo tempo violentado pela mesma. Diante do acima exposto, o presente estudo tem como objetivo compreender como se dá o início do comportamento antissocial e delinquente na adolescência na perspectiva do adolescente.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Participaram do estudo sete adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 13 e 16 anos, residentes das comunidades dos Coelhos, Coque e Joana Bezerra, atendidos pela Casa de Frei Francisco (ONG), no período de dezembro de 2014 a fevereiro de 2015. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade Pernambucana de Saúde – CEP/FPS, registro de nº 111-14 para a coleta de dados, os adolescentes e seus pais

foram informados sobre o objetivo do estudo, a participação voluntária dos mesmos e o sigilo das informações.

Foi utilizado para coleta de dados um questionário com perguntas sobre aspectos sociodemográficos, e entrevista¹⁵ cujo registro dos dados foi realizado com a utilização de um gravador, as falas foram transcritas em sua totalidade e para a análise foi utilizado o método de análise do conteúdo segundo Minayo (1996).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No estudo foram entrevistados sete adolescentes de ambos os sexos com idades entre 13 e 16 anos, sendo cinco meninas e dois meninos. Dos entrevistados, quatro deles tinham 13 anos de idade, dois 15 anos e um com 16 anos. Identificamos que três deles moravam no bairro do Coque, dois no bairro de Joana Bezerra, e dois nos Coelhos. Em relação à escolaridade identificamos que entre os adolescentes com 13 anos, um estava com idade compatível com o período escolar (9º ano do Ensino Fundamental). Os adolescentes com 15 anos estavam com idade compatível com o período escolar (2º ano do Ensino Médio). A adolescente com 16 anos estava no mesmo período escolar dos adolescentes de 15 anos, não estando com idade compatível com o período escolar esperado para a sua faixa etária.

Identificamos entre os adolescentes baixa escolaridade, o que segundo Gallo e Williams (2005) se constitui como fator de risco para os comportamentos antissocial e delinquente.

Em relação à renda familiar, cinco dos participantes tem renda familiar superior a um salário mínimo, um respondeu que sua família possui renda inferior a um salário e um adolescente tem renda familiar igual a um salário mínimo. Em relação à situação ocupacional dos pais, seis responderam que seus pais estavam empregados, e um respondeu que seus pais estavam desempregados. Em relação à religião, três responderam ser evangélicos, dois responderam ser católicos, e dois responderam que possuíam outra religião.

Segundo os critérios estabelecidos pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS, para a inclusão de pessoas pobres e extremamente pobres no Programa Bolsa Família – PBF, são considerados pobres (aqueles que possuem renda familiar per capita entre R\$ 77,01 e 154,00) e extremamente pobres (aqueles que possuem renda familiar per capita até R\$ 77,00), Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome [MDS] de <http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e/beneficios/beneficios>. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, também adotou em junho de 2014 o valor referencial de R\$ 77,00 per capita para definir a linha de extrema pobreza no Brasil, MDS (2014).

Identificamos que a maioria das famílias dos adolescentes entrevistados está acima dos critérios estabelecidos pelo MDS e pelo IPEA para a pobreza e extrema pobreza, e que apenas uma família está na linha da pobreza. Segundo Gallo e Williams (2005) a pobreza está entre os fatores de risco para o desenvolvimento de comportamentos antissocial e delinquente.

Em relação ao aspecto religioso todos os adolescentes disseram que pertenciam a alguma religião, sendo que cinco seguem duas das maiores religiões brasileiras, o cristianismo e o catolicismo. Ao relacionar estes resultados com os estudos de Bezerra et al. (2009) sobre a associação entre religiosidade e exposição ao consumo de álcool e ao tabagismo em estudantes adolescentes com idades entre 14 a 19 anos da rede estadual de Pernambuco, identificamos que a religiosidade se constitui como fator de proteção para a exposição ao álcool e ao tabaco. Segundo esses autores, os adolescentes que disseram ser evangélicos, católicos e praticantes independente de afiliação religiosa, quando comparados aos adolescentes que disseram não ter religião, tiveram um risco à exposição ao álcool e ao tabaco muito inferior.

Segundo Gallo e Williams (2005) o consumo de drogas também está entre os fatores de risco para o desenvolvimento de comportamentos antissocial e delinquente. Os estudos de Sanchez e Nappo (2007) também apresentaram a religiosidade e a espiritualidade como possíveis fatores de proteção do consumo de drogas.

Os resultados da análise do discurso revelaram as temáticas: motivos que os levaram a frequentar a instituição; comportamento antissocial e comportamento delinquente; que serão apresentadas e discutidas a seguir:

Quando analisamos as falas dos adolescentes identificamos que os motivos que os levaram a frequentar a instituição foram: ensinamento pró-social da instituição (ética, cidadania, arrumar emprego, a se comportar, qualificação profissional); ociosidade; vontade própria; incentivo da mãe; por indicação; e construção de vínculos de amizades. Porém, observamos que a “preparação para o primeiro emprego” foi o motivo mais citado nas falas dos adolescentes durante as entrevistas, o que nos remete pensar na questão da educação, representada pela escola como fator de proteção para os comportamentos antissocial e delinquente na adolescência, o que confirma os estudos de Gallo e Williams (2005).

“... aqui ensina coisas de ética, cidadania ajudando também na formação operacional, ... arrumar um emprego, ... cursos técnicos ...” G.

“E aqui as professoras falaram que aqui ensina a gente a se aplicar no primeiro emprego, como a se comportar, a se vestir e encaminhava a gente para algum estágio quando aparecesse, aí eu peguei vim, e me matriculei aqui.” M.

Nos dois fragmentos das falas dos adolescentes acima citados, percebe-se que, tomando como referencia um raciocínio ligado as questões da moral, os adolescentes justificam o motivo que os levou a frequentar a instituição foram valores, como a ética, cidadania e comportamento, valores oferecidos pela instituição e que motivaram os adolescentes a frequentá-la.

Segundo Kohlberg citado por Bataglia, Morais e Lepre (2010) em pesquisas realizadas com adolescentes e adultos sobre o desenvolvimento do raciocínio moral, Kohlberg percebeu que, da mesma forma que o desenvolvimento cognitivo da criança passa por estágios, numa perspectiva piagetiana, o desenvolvimento moral também passa por estágios. Para Kohlberg, o desenvolvimento moral possui seis estágios, os quais são divididos em três níveis: pré-convencional (estágios 1 e 2); convencional (estágios 3 e 4); e o pós-convencional (estágios 5 e 6).

O estágio um é identificado como estágio da moralidade heterônoma, no qual as normas sociais são obedecidas por medo de punição. O estágio dois é o estágio do individualismo, no qual o indivíduo obedece as normas sociais visando algum benefício para si mesmo. No estágio três, o cumprimento das normas é determinado por aquilo que as pessoas esperam do indivíduo, por exemplo, como ser um bom pai. O estágio

quatro tem como característica o zelo e a manutenção da ordem social estabelecida por pessoas ou instituições que tenham reconhecimento social. O estágio 5 tem como característica o reconhecimento dos direitos individuais, no qual o indivíduo não se limita às regras específicas de um grupo social no qual faz parte. No último estágio, o estágio 6, considerado por Kohlberg o estágio mais evoluído, no qual o indivíduo age por princípios universais, e suas atitudes são baseadas em valores gerais, Bataglia et al. (2010).

Identificamos que as falas dos adolescentes, ilustradas acima, correspondem ao nível convencional, pois apresentam uma perspectiva moral baseada no que a instituição espera deles, e que o correto é agir segundo os princípios e valores da instituição, por esta possuir reconhecimento social.

Quanto ao comportamento antissocial, os adolescentes disseram que esse comportamento pode aparecer em atitudes como: ser julgado por outra pessoa; contar segredos dos amigos; individualismo; fazer o que é errado, como matar e roubar; desrespeito com o próximo; e quebrar regras. Nesta categoria identificou-se também que os adolescentes enfatizaram mais os atos de “individualismo e desrespeito” como sendo comportamento antissocial.

“... antissocial é a pessoa que não gosta de fazer nada, não gosta de fazer amizades, alguma coisa desse tipo assim.” N.

“... é aquele que, tipo, não tem respeito ao próximo ..., é mais a falta de desrespeito com o próximo.” D.

Os adolescentes ao caracterizarem o comportamento antissocial por meio desses atos, confirmam o conceito de antissocial definido por Pacheco et al. (2005). Segundo esses autores, apesar do termo antissocial ser usado pelo DSM-IV para fazer referência a alguns transtornos mentais, como o Transtorno de Conduta e o Transtorno de Personalidade Antissocial, esse termo também pode ser usado para descrever comportamentos prejudiciais ao funcionamento social do indivíduo, não havendo necessariamente um diagnóstico de algum transtorno específico. Para os adolescentes o comportamento antissocial está associado ao desrespeito com o próximo, esse entendimento dos adolescentes, nos remete ao estudo de Lima (2011). Segundo esta

autora, o respeito é a base filosófica da moralidade para Piaget, e tem como função a organização ideal da sociedade, que é o equilíbrio entre a sociedade e o indivíduo.

Em relação ao início do comportamento antissocial, os adolescentes responderam que este comportamento começa na adolescência quando são praticadas atitudes como: individualismo; atos de exclusão do grupo; atos reprimidos pela sociedade; agressão; xingamento; desobediência à mãe; perturbação na escola; desrespeito com o próximo; falta de educação; não gostar de trabalhar e estudar; e vandalismo. Nesta categoria de perguntas identificamos nas entrevistas que os adolescentes relacionaram mais o “desrespeito com o próximo” como o começo do comportamento antissocial.

“Uma briga ..., troca de socos ...” N.

“Quando ele começa a desrespeitar o próximo ...” D.

Quanto ao comportamento delincente, os adolescentes relacionaram esse comportamento a adolescentes que: perturbam; praticam vandalismo; roubam; não respeitam o próximo; não gostam de estudar; usam drogas, como a maconha; e gostam de brigar. Nesta categoria identificamos nas entrevistas que eles enfatizaram mais os atos de “vandalismos e roubos” como sendo comportamentos delinquentes, essa ênfase dada pelos adolescentes confirmam as definições de Stratton e Hayes (2003), e Assis (2012) sobre a delinquência. Segundo esses autores, a partir de uma perspectiva psicológica e psico-sócio-jurídica, respectivamente, a delinquência pressupõe a condenação de uma pessoa jovem por um comportamento caracterizado como ofensa ou delito. Segundo Meloni e Laranjeira (2004) e Gallassi e Alvarenga (2008) o vandalismo, a desordem pública e o roubo estão relacionados ao abuso de álcool.

“... faz vandalismo, um adolescente que pratica várias coisas feias, roubos ...” N.

“Respeitar os outros, não roubar, não perturbar na escola, respeitar as mães, os pais, os idosos, aqueles que são cadeirantes, deficientes visuais.” B.

A partir de uma perspectiva psicanalítica, a delinquência pode vir a ser uma resposta à moratória imposta pela sociedade e um meio de reconhecimento pela mesma. As transgressões cometidas pelos adolescentes se devem a uma interpretação errada e inconsciente, que estes fazem dos adultos. Tais adolescentes acreditam que seus atos

transgressores seriam uma encenação de desejos recalçados dos adultos, e que estes atos seriam agradáveis, porém quanto mais os adolescentes se utilizam de comportamentos delinquentes, mais erram na sua interpretação e mais são reprimidos pelos adultos. Já em relação ao reconhecimento, há uma parceria entre adolescência e delinquência devido a um não reconhecimento do adolescente dentro do pacto social, passando então este mesmo adolescente a buscar reconhecimento “fora” ou até mesmo “contra” o pacto social que não o reconhece, associando-se a grupos alternativos aos quais possam ser reconhecidos, Calligaris (2009).

Em relação ao início do comportamento delincente, os adolescentes responderam que este comportamento começa na adolescência quando são praticadas atitudes como: agressões fortes que envolvam lesões corporais; perturbação na escola; ir preso; roubar; matar; traficar; se juntar com más companhias; vandalismo; falta de educação; e desrespeito com o próximo.

“Uma briga que haja agressões muito fortes, assim, faça, alguma coisa assim parecido.” N.

“Na rua se ajuntando com os colegas. Rouba, trafica, faz tudo de ruim.” M.

Identificamos que os adolescentes tiveram dificuldade de diferenciar os comportamentos antissocial e delincente, repetindo algumas atitudes em cada comportamento. Porém, os adolescentes mesmo apresentando dificuldade de distinguir tais comportamentos, possuem uma noção de que o comportamento delincente é uma progressão do comportamento antissocial, e mais grave do que este. O que justifica essa noção é o número maior de citações de atitudes mais graves nesta categoria de perguntas, e um número maior de citações de atitudes menos graves na categoria de perguntas sobre o início do comportamento antissocial.

E quando analisamos as falas dos adolescentes sobre quais as influências para os comportamentos antissocial e delincente, foram apresentados pelos mesmos vários tipos, entre os quais estão: rejeição na sociedade ou em casa; as amizades; o modo de educação oferecido pelos pais; aprendizagem por observação; falta de afeto familiar; vontade própria; e a maneira como as pessoas são tratadas pelos outros. Nesta categoria de perguntas identificamos nas falas dos adolescentes que os comportamentos antissocial e delincente possuem maior influência das amizades, e depois do modo de educação oferecido pelos pais.

“... acho que assim ..., a amizade ..., amigos ..., o comportamento em casa ou até do jeito que eles foram criados pelos pais ...” N.

“... educação dos pais influencia muito nesse aspecto ...” D.

O resultado apresentado nesta categoria de perguntas relacionados às amizades nos remete a uma questão paradoxal, pois os estudos de Matos (2008) apontam que os grupos de pares ou a ausência dos mesmos podem influenciar de forma positiva ou negativa na saúde mental dos adolescentes (felicidade, infelicidade, solidão, satisfação com a vida e bem-estar psicológico) ou até mesmo em comportamentos de risco como o uso de substâncias lícitas, álcool e tabaco, e ilícitas.

Para a autora, as relações interpessoais na adolescência são importantes, porém se as relações com os grupos de pares ou amigos forem negativas, a relação positiva com os pais preveniria problemas relacionados à saúde mental e também os comportamentos de risco acima citados. Já se acontece o contrário, quando a relação dos adolescentes com os pais forem negativas, e a relação com os grupos de pares forem positivas, os amigos podem servir de suporte social para o não envolvimento nos comportamentos de risco. O equilíbrio nas relações positivas dos adolescentes com os pais e com os amigos seria determinante no ajustamento emocional e social dos adolescentes, Matos (2008).

A fala de alguns adolescentes sugeriu a educação dos pais como um fator que poderia influenciar nos comportamentos antissocial e delincente, podendo essa sugestão também ser encontrada nos estudos de Schulz sobre a função paterna e práticas parentais relacionadas a indicadores de desenvolvimento dos filhos, como por exemplo, comportamentos agressivos etc, Schulz (2015). Segundo Lamb citado por Schulz existe diferença entre pais e mães na interação com os filhos, as mães estão mais ocupadas com questões emocionais, enquanto que os pais exercem mais atividades relacionadas com a educação e os valores de seus filhos, Schulz (2015). A presença do pai e uma relação positiva com os filhos podem prevenir comportamentos desafiadores na adolescência.

CONCLUSÃO

Através do estudo realizado foi possível compreender o que os adolescentes pensam sobre os comportamentos antissocial e delinquente na adolescência, relacionar e confirmar com alguns estudos realizados, como também identificar a dificuldade dos adolescentes em diferenciar tais comportamentos.

Percebemos no grupo de adolescentes entrevistados que mesmo na adolescência existe um raciocínio moral ligado às questões de valores, ética, cidadania e comportamento, e que deve ser reforçado pelos grupos aos quais os adolescentes fazem parte, como a família, os amigos, instituições escolares, ONGs que atendem a crianças e adolescentes que vivem em vulnerabilidade social etc.

Por ser a família a primeira instituição de cultura e valor para as crianças e adolescentes, a educação e a relação positiva dos pais para com estes pode ser determinante para os padrões de comportamentos que serão desenvolvidos por seus filhos.

O reconhecimento e o reforço do raciocínio moral na adolescência se torna um fator de proteção para os comportamentos antissocial e delinquente, prevenindo ou diminuindo esses comportamentos.

A qualidade das relações dos adolescentes com os pais e amigos também pode se constituir como fator de proteção para comportamentos de risco e influenciar no ajustamento emocional e social de adolescentes.

REFERÊNCIAS

- 1 - Calligaris C. (2009). *A adolescência* (2a ed.). São Paulo: Publifolha.
- 2 - Aberastury A, Knobel M. (1981). *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artmed.
- 3 - Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. (1990). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA e dá outras providências. Recuperado em 16 abril 2014, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm
- 4 - Cordioli, A, V. (Rev.). (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-5*. Porto Alegre: Artmed.
- 5 - Pacheco, J., Alvarenga, P., Reppold, C., Piccinini, C, A., Hutz, C, S. (2005). Estabilidade do comportamento antissocial na transição da infância para a adolescência: uma perspectiva desenvolvimentista. *Psicol. Reflex. Crit*, 18(1): 55-61pp. Recuperado em 16 abril, 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000100008
- 6 - Stratton, P., Hayes, N. (2003). *Dicionário de psicologia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- 7- Assis, L, F, A. (2012). *Dicionário psico-sócio-jurídico*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- 8 - Shaffer, D, R. (2009). *Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência*. São Paulo: Cengage Learning.
- 9 - Costa, M, C, O., Souza, R, P. (Org.). (2002). *Adolescência: aspectos clínicos e psicossociais*. Porto Alegre: Artmed.
- 10 - Levisky, D, L. (Org.). (2001). *Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção “conhecendo, articulando, integrando e multiplicando”*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- 11 - Gallo, A, E., Williams, L, C, A. (2005). Adolescentes em conflito com a lei: uma revisão dos fatores de risco para a conduta infracional. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7(1): 81-95pp. Recuperado em 16 abril, 2014, de <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1028>
- 12 - Siqueira, A, C., Betts, M, K., Dell’Aglia, D, D. (2006). A rede de apoio social e afetivo de adolescentes institucionalizados no sul do Brasil. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 40(2): 149-158pp. Recuperado em 16 abril, 2014, de <http://www.psicorip.org/Resumos/PerP/RIP/RIP036a0/RIP04017.pdf>
- 13 - Flores-Mendoza, C., Colom, R. (Org.). (2006). *Introdução à psicologia das diferenças individuais*. Porto Alegre: Artmed.

- 14 - Morin, E. (2006). *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina.
- 15 - Gil, A, C. (1995). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (4a ed.). São Paulo: Editora Atlas S.A.
- 16 - Minayo, M, C, S. (1996). O Desafio do Conhecimento. Pesquisa Qualitativa em Saúde (4a ed.). São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO.
- 17 - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS. (2014). *O Brasil sem miséria* (1a ed.). Brasília: MDS.
- 18 - Bezerra, J., Barros, M, V, G., Tenório, M, C, M., Tassitano, R, M., Barros, S, S, H., Hallal, P, C. (2009). Religiosidade, consumo de bebidas alcólicas e tabagismo em adolescentes. *Rev Panam Salud Publica*, 26(5):440-6pp. Recuperado em 14 julho, 2015, de <http://www.scielosp.org/pdf/rpsp/v26n5/09.pdf>
- 19 - Sanchez, Z, M., Nappo, S, A. (2007). A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas. *Rev. Psiq. Clín*, 34 (supl 1) 73-81pp. Recuperado em 14 julho, 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34s1/a10v34s1.pdf>
- 20 - Bataglia, P, U, R., Morais, A., Lepre, R, M. (2010). A teoria de Kohlberg sobre o desenvolvimento do raciocínio moral e os instrumentos de avaliação de juízo e competência moral em uso no Brasil. *Estudos de Psicologia*, 15(1), Janeiro-Abril, 25-32pp. Recuperado em 31 maio, 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v15n1/04.pdf>
- 21 - Lima, V, A, A. (2011, abril). A psicologia moral na obra de Jean Piaget. *Anais do I Congresso de Epistemologia Genética da Região Amazônica*. Recuperado em 31 maio, 2015, de <http://www.periodicos.unir.br/index.php/revistacegra/article/viewFile/284/293>
- 22 - Meloni, J, N., Laranjeira, R. (2004). Custo social e de saúde do consumo do álcool. *Rev. Bras. Psiquiatr. vol.26* (supl.1) 7-10pp. Recuperado em 11 agosto, 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v26s1/a03v26s1.pdf>
- 23 - Gallassi, A, D., Alvarenga, P, G., Andrade, A, G., Couttolenc, B, F. (2008). Custos dos problemas causados pelo abuso do álcool. *Rev. psiquiatr. clín. vol.35* (supl.1) 25-30pp. Recuperado em 11 agosto, 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v35s1/a07v35s1.pdf>
- 24 - Matos, M, G. (Coordenadora). (2008). *Consumo de substâncias: estilo de vida? À procura de um estilo? Lisboa: Ministério da Educação*. Recuperado em 30 julho, 2015, de http://www.fmh.utl.pt/aventurasocial/pdf/Consumo.de.Substancias_2008.pdf
- 25 - Schulz, M, J, L, C. (2015). *A função paterna de abertura ao mundo na percepção de adolescentes*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, Brasil. Recuperado em 10 agosto, 2015, de <http://www.nepedi.ufsc.br/files/2011/06/Disserta%C3%A7%C3%A3o-de-mestrado-Mariajos%C3%A9.pdf>

ORÇAMENTO

ESPECIFICIDADE	UNIDADE	QUANTIDADE	P/UNITÁRIO	VALOR TOTAL
Papel A/04	Resma	03	R\$ 15,00	R\$ 45,00
Cartucho de tinta	Unidade	04	R\$ 60,00	R\$ 240,00
CD Rom	Unidade	02	R\$ 3,00	R\$ 6,00
Caneta	Unidade	05	R\$ 0,60	R\$ 3,00
Passagem de ônibus	Passagem	50	R\$ 2,15	R\$ 107,50
Total:				R\$ 401,50

Os custos da pesquisa serão de inteira responsabilidade do autor.

VIII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - Calligaris C. A adolescência 2ª Ed. São Paulo: Publifolha; 2009.
- 2 - Aberastury A, Knobel M. Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed; 1981.
- 3 - Brasil. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. [acesso em: 16 abr. 2014]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm
- 4 - Pacheco J, Alvarenga P, Reppold C, Piccinini CA, Hutz CS. Estabilidade do comportamento antissocial na transição da infância para a adolescência: uma perspectiva desenvolvimentista. *Psicol. Reflex. Crit.* [periódico online]. 2005 [acesso em: 16 abr. 2014]. 18(1): 55-61p. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000100008
- 5 - Stratton P, Hayes N. Dicionário de psicologia. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2003.
- 6 - Assis LFA. Dicionário psico-sócio-jurídico. Recife: Ed. Universitária da UFPE; 2012.
- 7 - Shaffer DR. Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência. São Paulo: Cengage Learning; 2009.
- 8 - Costa MCO, Souza RP, organizadores. Adolescência: aspectos clínicos e psicossociais. Porto Alegre: Artmed; 2002.
- 9 - Levisky DL, organizador. Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção “conhecendo, articulando, integrando e multiplicando”. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
- 10 - Gallo AE, Williams LCA. Adolescentes em conflito com a lei: uma revisão dos fatores de risco para a conduta infracional. *Psicologia: Teoria e Prática* [periódico online]. 2005 [acesso em: 16 abr. 2014]. 7(1): 81-95p. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1028>
- 11 – Siqueira AC, Betts MK, Dell’Aglia DD. A rede de apoio social e afetivo de adolescentes institucionalizados no sul do Brasil. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology* [periódico online]. 2006 [acesso em: 16 abr. 2014]. 40(2): 149-158p. Disponível em: <http://www.psicorip.org/Resumos/PerP/RIP/RIP036a0/RIP04017.pdf>
- 12 - Flores-Mendoza C, Colom R, organizadores. Introdução à psicologia das diferenças individuais. Porto Alegre: Artmed; 2006.
- 13 - Morin E. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina; 2006.

14 - Fontanella BJB, Ricas J, Turato ER. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. Cad. Saúde Pública [periódico online]. 2008 [acesso em: 12 jun. 2014]. 24(1): 17-27p. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008000100003

15 - Gil AC. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A; 1995.

16 - Minayo MCS. O Desafio do Conhecimento. Pesquisa Qualitativa em Saúde 4ª ed. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO; 1996.

APÊNDICE 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Dados de Identificação

Título do projeto: Comportamento violento na adolescência: um estudo qualitativo.

Instituição: Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS.

Pesquisadores:

Pedro Lindomaico Silva de Oliveira

Tel.: (81) 84315237

Maria de Lourdes Lira Teixeira

Tel.: (81) 87000165

Mônica Cristina Batista de Melo

Tel.: (81) 99981301

Maria Cecilia Mendonça de Melo

Tel.: (81) 87484551

Gostaríamos de solicitar do (a) Sr. (a), pai/mãe _____ autorização para que seu filho (a) possa participar como voluntário (a) da pesquisa intitulada “**Comportamento violento na adolescência: um estudo qualitativo**”, que será realizada na Casa de Frei Francisco (ONG), de responsabilidade do pesquisador Pedro Lindomaico Silva de Oliveira e Maria de Lourdes Lira Teixeira, sob orientação da Dra. Mônica Melo e da Ms. Cecília Mendonça.

Este estudo tem como objetivo compreender, no entendimento dos adolescentes quais as características do comportamento antissocial e delinquente na adolescência. Para participar da pesquisa o voluntário não recebe benefício, pagamento e nem é pressionado para participar. Será garantido o direito de receber informações ou qualquer esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer momento. A identificação dos participantes será mantida em absoluto sigilo, e também as suas informações. Mesmo que esta pesquisa não represente risco, o participante voluntário, poderá se recusar a dar

respostas a determinadas questões, não sofrendo pressão do pesquisador ou da instituição a qual pertence. Após o término da pesquisa, os resultados serão utilizados, exclusivamente, para publicações em revistas científicas e apresentação em congressos, reunião científica e na instituição onde ela foi realizada. Se o participante tiver alguma consideração ou dúvida sobre esta pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Pernambucana de Saúde – CEP/FPS, que objetiva defender os interesses dos participantes, respeitando os seus direitos, e contribuir para o desenvolvimento da pesquisa, desde que atenda às condutas éticas. O participante ainda receberá uma cópia deste documento.

O CEP/FPS está localizado na rua Jean Emile Favre nº 422, Imbiribeira. Telefone: 30357732. E-mail: comite.etica@fps.edu.br. Horário de atendimento: 08:30 às 11:30 e das 14:00 às 16:30 (Segunda a sexta-feira).

Eu, _____,
 RG _____, responsável legal por _____,
 RG, _____, declaro ter sido devidamente informado e concordo com a sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa acima descrito.

Recife, _____, de _____ de _____

 Pai/mãe

 Pesquisador de campo

 Testemunha 1

 Testemunha 2

Desde já, agradecemos a sua atenção e colaboração. Colocamo-nos à disposição para maiores informações. Em caso de dúvidas, sinta-se à vontade para entrar em

contato com os pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da FPS através dos telefones acima mencionados.

APÊNDICE 2

Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS

Título do projeto: **Comportamento violento na adolescência: um estudo qualitativo.**

Termo de Assentimento

Dados de Identificação

Pesquisadores:

Pedro Lindomaico Silva de Oliveira

Tel.: (81) 84315237

Maria de Lourdes Lira Teixeira

Tel.: (81) 87000165

Mônica Cristina Batista de Melo

Tel.: (81) 99981301

Maria Cecilia Mendonça de Melo

Tel.: (81) 87484551

Gostaríamos de convidar você _____ para participar como voluntário (a) da pesquisa intitulada “**Comportamento violento na adolescência: um estudo qualitativo**”, que será realizada na Casa de Frei Francisco (ONG), de responsabilidade do pesquisador Pedro Lindomaico Silva de Oliveira e Maria de Lourdes Lira Teixeira, sob orientação da Dra. Mônica Melo e da Ms. Cecília Mendonça.

Este estudo tem como objetivo compreender, no entendimento dos adolescentes quais as características do comportamento antissocial e delinquente na adolescência. Para participar da pesquisa o voluntário não recebe benefício, pagamento e nem é pressionado para participar. Será garantido o direito de receber informações ou qualquer esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer momento. A identificação dos participantes será mantida em absoluto sigilo, e também as suas informações. Mesmo

que esta pesquisa não represente risco, o participante voluntário, poderá se recusar a dar respostas a determinadas questões, não sofrendo pressão do pesquisador ou da instituição a qual pertence. Após o término da pesquisa, os resultados serão utilizados, exclusivamente, para publicações em revistas científicas e apresentação em congressos, reunião científica e na instituição onde ela foi realizada. Se o participante tiver alguma consideração ou dúvida sobre esta pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Pernambucana de Saúde – CEP/FPS, que objetiva defender os interesses dos participantes, respeitando os seus direitos, e contribuir para o desenvolvimento da pesquisa, desde que atenda às condutas éticas. O participante ainda receberá uma cópia deste documento.

O CEP/FPS está localizado na rua Jean Emile Favre nº 422, Imbiribeira. Telefone: 30357732. E-mail: comite.etica@fps.edu.br. Horário de atendimento: 08:30 às 11:30 e das 14:00 às 16:30 (Segunda a sexta-feira).

Eu, _____,
RG, _____, declaro ter sido devidamente informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Recife, _____, de _____ de _____

Participante

Pesquisador de campo

Testemunha 1

Testemunha 2

Desde já, agradecemos a sua atenção e colaboração. Colocamo-nos à disposição para maiores informações. Em caso de dúvidas, sinta-se à vontade para entrar em

contato com os pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da FPS através dos telefones acima mencionados.

APÊNDICE 3

FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE – FPS
COMPORTAMENTO VIOLENTO NA ADOLECÊNCIA: UM
ESTUDO QUALITATIVO

QUESTIONÁRIO

Aspectos sociodemográficos dos adolescentes
Nome:
Idade:
Sexo: Masc. () Fem. ()
Procedência: Coelhos () Coque () Joana Bezerra ()
Escolaridade:
Renda Familiar: Menos de 1 salário mínimo () 1 salário mínimo () Mais de 1 salário mínimo ()
Situação Ocupacional dos Pais: Empregado () Desempregado ()
Religião: Católica () Evangélica () Espírita () Outras ()

Nº: _____

Data da coleta: ____/____/____

APÊNDICE 4

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1. Porque você frequenta essa instituição?
2. No seu entendimento, o que é um comportamento antissocial?
3. No seu entendimento, o que seria um comportamento delinquente?
4. Como você acha que um adolescente pode começar a ter comportamento antissocial?
5. Como você acha que um adolescente pode começar a ter comportamento delinquente?
6. Você acredita que alguma coisa pode influenciar para um adolescente ter comportamentos antissocial e delinquente?

ANEXO

Normas para publicação na Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa

Forma de Apresentação dos Manuscritos

Psicologia: Teoria e Pesquisa adota integralmente as normas de publicação do *Publication Manual of the American Psychological Association* (6ª edição, 2010). Os manuscritos devem ser redigidos em português, inglês ou espanhol ou, ainda, em outra língua a critério do conselho editorial.

A submissão dos manuscritos deve ser feita unicamente de forma eletrônica por meio da plataforma SEER de *Psicologia: Teoria e Pesquisa* no seguinte endereço: www.revistaptp.unb.br.

No momento da submissão os autores deverão realizar o *upload* no sistema da revista de dois arquivos no formato do processador de texto WORD 2003 ou posterior. O primeiro é o manuscrito propriamente dito, sem nenhum tipo de identificação dos autores e contendo todos os seus elementos, a saber: título, título abreviado para cabeçalho, resumo (se redigido em português. Resumo e *résumé* se redigido em espanhol), *abstract*, texto propriamente dito, referências, tabelas (uma por página) e figuras (uma por página). O segundo arquivo é uma carta de encaminhamento (*cover letter*) que deverá conter todos os elementos pertinentes indicados no manual da APA, assinada por todos os autores do manuscrito. Apenas devem ser enviados arquivos suplementares se estritamente essenciais para a avaliação do manuscrito.

A apresentação de informações numéricas e estatísticas deverá seguir o preconizado no manual da APA. Para os manuscritos redigidos em língua portuguesa solicita-se a normalização das informações numéricas e estatísticas conforme recomendações de Carzola, Silva e Vendramini (2009), que pode ser acessado gratuitamente no seguinte endereço eletrônico: <http://www.ip.usp.br/portal/images/stories/biblioteca/Publicar-em-Psicologia.pdf>

Ressalva-se que, no caso de artigos redigidos em língua portuguesa, eventuais inconsistências entre os padrões do manual da APA e a redação em língua portuguesa devem ser resolvidas pelos autores considerando-se as regras gerais de redação desta língua.

A formatação do arquivo do manuscrito bem como a elaboração de tabelas, figuras e demais elementos deverão seguir rigorosamente o que está preconizado no manual da APA. Recomenda-se que os autores, antes da submissão, avaliem se o manuscrito está em acordo com check-list apresentado nas páginas 241-243 do manual da APA. Ressalta-se que esses elementos podem constituir motivo de rejeição sumária do manuscrito pela Direção da Revista caso não sejam cumpridos conforme as normas especificadas.

Como fonte complementar aos autores recomenda-se a consulta à informação on-line sobre o manual de publicação da APA nos seguintes endereços:

<http://www.apastyle.org/>

<http://owl.english.purdue.edu/owl/section/2/10/>